

ARTES MARCIAIS E MULHER: BENEFÍCIOS, MÍDIA E TABUS

Rayonara Cardinalle Peixoto Cabral¹

Edeilson Matias da Silva²

RESUMO

É difícil encontrar algum setor da atividade humana que não tenha sido imposto o gênero sobre atividades que devem ser executadas por mulheres e as que devem ser executadas por mulheres. É um processo dicotômico, isto é, um processo no qual se coloca as atividades da vida na ordem dos gêneros, impondo normas, atitudes, símbolos e ações pertinentes aos sexos, é hierarquizar os valores numa ordenação que geralmente é bipolar e excludente. Esse processo parece ser algo corriqueiro nas sociedades humanas, percebi por meio de toda essa pesquisa que ainda nos dias atuais todo esse processo é considerado normal e muito das pessoas sequer tem percepção a esse respeito. O objetivo desta pesquisa, é discutir as representações sociais da mulher que pratica atividades de luta corporal, apontando seus benefícios e buscando mostrar que o meio das lutas não é propriamente para o sexo masculino. O estudo é uma pesquisa descritiva / exploratória, pois investigou a realidade das mulheres nas lutas, discutindo e ampliando assim questões de gêneros neste universo esportivo e como os professores de Educação Física se apropriam destes conhecimentos. A partir do conhecimento destes benefícios fica mais propício a inserção das meninas nesses esportes. A tendência é que essa “generificação” sobre o que deve ser executado por meninos e o que deve ser executado por meninas acabe e cada um treine o que lhe encaixe e lhe traga melhorias para suas vidas.

Palavras-chave: Lutas. Gênero. Mulher.

MARTIAL ARTS AND WOMAN: BENEFITS, MEDIA AND TABOOS

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). E-mail: ra.cardinalle@gmail.com

² Orientador Professor do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). E-mail: ed_matias@hotmail.com

ABSTRACT

It's hard to find a sector of human activity that has not been the genre tax on activities that must be performed by women and those to be performed by women. It is a dichotomous process, ie a process in which arises the activities of life in the range of genres, imposing norms, attitudes, symbols and actions to the sexes, is prioritizing the values in a sort that is usually bipolar and exclusionary. This process seems to be commonplace in human societies, I realized through all this research that even today this whole process is considered normal and many people even have insight in this regard. The purpose of this research is to discuss the social representations of woman practicing wrestling activities, pointing out its benefits and seeking to show that the middle of the fighting is not really for males. The study is a descriptive / exploratory research, it investigated the reality of women in struggles, as well discussing and expanding issues of gender in this sports universe and how the physical education teachers take ownership of such knowledge. From the knowledge of these benefits is more conducive to inclusion of girls in these sports. The trend is that this "gendering" of what should be performed by boys and what should be done by girls end and each train which you plug him and bring improvements to their lives.

Keywords: Fights. Gender. Women.

1 INTRODUÇÃO

É difícil encontrar algum setor da atividade humana que não tenha sido imposto o gênero sobre atividades que devem ser executadas por mulheres e as que devem ser executadas por homens.

É um processo dicotômico, isto é, um processo no qual coloca-se as atividades da vida na ordem dos gêneros, impondo normas, atitudes, símbolos e ações pertinentes aos sexos, é hierarquizar os valores numa ordenação que geralmente é bipolar e excludente. Esse processo parece ser algo corriqueiro nas sociedades humanas, percebi por meio de toda essa pesquisa que ainda nos dias atuais todo esse processo é considerado normal e muito das pessoas sequer tem percepção a esse respeito. É tão normal que acaba passando despercebido. O gênero é como a construção cultural permanente daquilo que é considerado “de

homem” ou “de mulher”.

E este processo que se mostrou algo tão comum nas coletividades humanas é um dado normalmente construído sobre as diferenças corporais perceptíveis. Na contemporaneidade, na qual o esporte se transformou num fenômeno midiático com um valor absoluto e de presença marcante em nossas vidas, é um dos palcos nos quais se mostra de forma precisa grande parte das definições sobre o que é ser homem ou ser mulher.

Conforme Salinas (2003), os valores femininos ensinados às mulheres no processo de socialização geralmente são antagônicos e vão de encontro aos códigos corporais transmitidos pelo esporte; em virtude da apreensão destes valores serem tão arraigada no processo de socialização, eles formam um *habitus* (no sentido bourdiano), ou seja, se impregnam na pessoa com tal força que até parecem determinados geneticamente, favorecendo desta forma o emprego das diferenças biológicas para justificar como natural a construção social dos gêneros.

O objetivo desta pesquisa, é discutir as representações sociais da mulher que pratica atividades de luta corporal, apontando seus benefícios e buscando mostrar que o meio das lutas não é propriamente para o sexo masculino. Que a mulher pode e deve lutar se ela assim se sentir a vontade nesse meio, tendo em vista que as artes marciais levará para suas vidas benefícios como o auto controle, desenvolvimento das capacidades motoras, flexibilidade, perda de peso, melhora da capacidade cardiorrespiratória, entre diversos outros benefícios.

Busquei o aprofundamento do assunto devido à desde bem pequena praticar lutas e desde então sempre sofrer preconceitos por ser mulher e muitas vezes até por ser branca e ter praticado capoeira, busco que as pessoas entendam a necessidade de acabar ou diminuir (como tem acontecido) as diversas formas agressivas de tratar esse assunto. Discursos que para mim são bem óbvios para alguns são absurdo como a mulher deve praticar o que gosta e porque gosta, pelos benefícios que este esporte trará para si, independentemente de ser taxada disso ou daquilo não deveria ser colocada em dúvida a sexualidade da mulher que pratica esporte de luta, como qualquer outro esporte que não seja considerado feminino.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

A grande maioria das artes marciais traz diversos benefícios à saúde, entre

eles a melhora do condicionamento físico, a resistência muscular, a coordenação motora e a flexibilidade. Além disso, a atividade é um ótimo aliado na perda de peso devido ao grande gasto calórico que ela promove. O número de mulheres que procuram alguma modalidade de combate para perder peso e tonificar os músculos aumentou muito e tende a crescer ainda mais nos próximos anos, devido aos fatores citados acima. As artes marciais podem ser praticadas por todas as mulheres, de todos pesos e idades.

O Mixed Martial Arts (MMA) ficou conhecido no Brasil conhecido como Vale-Tudo, uma espécie de desafios entre lutadores de modalidades distintas em que não havia regras. Os desafios foram ganhando visibilidade através do evento Ultimate Fighting Championship (UFC), que foi o primeiro evento de “Vale-Tudo” televisionado a nível internacional. O UFC teve como objetivo colocar os melhores lutadores de várias modalidades em um combate sem regras, onde cada atleta defendia sua modalidade de luta. Esse evento era realizado com uma eliminatória de oito lutadores, o atleta deveria realizar três lutas para se tornar o campeão do evento.

A extrema agressividade dos atletas foi um dos ingredientes que contribuiu para que o esporte se diferenciasse de todas as outras competições de lutas televisionadas. Os primeiros UFC's tinham poucas regras, não havendo divisão de peso, limite de tempo ou equipamento de segurança. A luta ocorria em uma gaiola octogonal, chamada de “The Octagon”. Mas a difusão e profissionalização trouxeram regras ao esporte. Em pouco tempo, foi criado um mercado e um campo profissional, do qual os atletas não participavam somente para testar sua modalidade, mas para vencer as competições e participar diretamente dos lucros proveniente dos eventos. Começaram a incorporar no seu treinamento técnicas e movimentos de diversas lutas. Portanto, a criação das regras e a apropriação de técnicas de diversas lutas deram origem à substituição do nome Vale-Tudo por MMA.

Hoje, existe um mercado do MMA, onde os iniciantes disputam eventos menores até conseguirem entrar nos principais eventos como o UFC e o DREAM. Eventos que possuem premiações de até 500.000 dólares por uma única luta. Atualmente os eventos de MMA são organizados com “lutas casadas”, dos quais os atletas participam apenas de uma luta.

Mesmo com o estereótipo de uma luta violenta e de domínio dos homens, podemos perceber a entrada de algumas mulheres. O primeiro registro sobre uma luta oficial feminina no Brasil foi no evento MECA 10, realizado em 20 de dezembro

de 2003, em Curitiba. Esta primeira luta foi entre as atletas Ana Carolina Pinho e Carmem “Casca Grossa”. Por ser a primeira luta de MMA profissional feminina, contou com algumas regras.

Adelman (2003) verificou que a reivindicação e argumentação a favor da vaidade do corpo atuam como uma espécie de argumento para combater o estereótipo de que alguns esportes masculinizam e podem influenciar as gestualidades das mulheres. Essas mulheres, ao afirmarem a necessidade de cuidar da beleza, pretendem de certa forma, fortalecer e preservar a sua feminilidade no espaço esportivo que, tradicionalmente, possui identificação com a masculinidade. Portanto, o discurso da manutenção da vaidade é um argumento que procura mediar as identificações masculinas com os esportes de confronto. Essa é uma forma de mostrar que a mulher pode transitar neste espaço sem “deixar de ser mulher”.

Segundo Lovisolo, Soares e Bartholo (2006), a mulher veio para ficar no esporte. Os autores esclarecem que agora ela deve criar seus estilos, pensar seus valores, encontrar o modo de conciliar o esporte e as suas possibilidades de expressão nesse espaço, pois, se apenas se tratasse de igualar aos homens, isso reproduziria o ethos masculino. É indicada uma apropriação de características de uma luta tipicamente feminina, através da exibição e da valorização das características femininas.

3 METODOLOGIA

O estudo é uma pesquisa descritiva / exploratória, pois investigou a realidade das mulheres nas lutas, discutindo e ampliando assim questões de gêneros neste universo esportivo e como os professores de Educação Física se apropriam destes conhecimentos. A pesquisa foi realizada em escolas e da cidade de Natal, do segmento público e privado, onde descobrimos as diversas particularidades existentes nestas redes de ensino.

Primeiramente, realizamos uma pesquisa, em livros e consultas de alguns sites na Internet; na intenção de identificar os assuntos a que nos embasaremos, além de adquirir bases teóricas para encaminhar a pesquisa.

Outro procedimento foi a pesquisa de campo: aplicação de questionários aos professores das respectivas escolas. Ainda observamos as aulas realizadas pelos professores para ter a certeza e sentir de perto o tipo da realidade existente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa investigou, e diante das respostas e análises dos testes, podemos através dos resultados compreenderem um pouco mais sobre os tabus que ainda existem sobre as artes marciais e a mulher, no ambiente escolar; e quais são os benefícios devem influenciar de forma direta na vida dessas mulheres que tem a participação no mundo das lutas. Depois de respondidas a questão pelas professoras chegou a fase de análise dos dados colhidos, onde optei por fazer questionários sobre as experiências de cada professora de alguma arte marcial na escola. Faz-se necessário entender que meu instrumento metodológico utilizado foi pesquisa e questionário. Como o trabalho tem o intuito que as professoras falem a respeito de como foi suas experiências nas escolas nenhuma delas ofereceu resistência para responder tendo em vista que também são principais interessadas em combater esses tabus e preconceitos sobre este mundo. Neste sentido, participaram num contingente de 4 professoras 3 de capoeira e 1 de judô.

Foi questionado a todas a respeito da quantidade de alunas nas escolas e na capoeira a maioria dos alunos é do sexo masculino e as professoras também afirmaram sobre as meninas irem fazer a aula experimental e no outro dia não iam mais porque seus pais proibiam pelo fato de ser uma modalidade ainda hoje gêneroificada como masculina. A professora do judô falou que a maioria também são meninos, mas tem uma grande quantidade de alunas. Depois de fazer as quatro entrevistas observou que a maior parte do preconceito vem das próprias mulheres. Elas tratam o mundo das artes marciais como inacessível para as mulheres e acabam passando isso para suas filhas sem sequer terem a menor noção a respeito da quantidade de benefícios que as lutas trazem para vida dessas mulheres. Segundo as professoras entrevistadas os pais das meninas dão mais apoio que as próprias mães para que suas filhas treinem. Existem aqueles que não concordam claro, mas em sua maioria apoiam e incentivam as suas filhas aos esportes de lutas.

De uma forma geral, as professoras executam projetos com as crianças sempre com o intuito de mostrar aos alunos e aos pais o quanto o praticante de lutas se desenvolve com relação as suas habilidades motoras, físicas e autocontrole.

Ao entregar os questionários, observei que todas as professoras tiveram dificuldade para iniciar os treinos no meio das lutas devido a esse preconceito cego que se espalha pelo país de maneira falha e impedindo algumas vezes que grandes

talentos sejam encontrados e que grandes capacidades sejam desenvolvidas. As pessoas ficam surpresas ao verem mulheres no meio das lutas.

No caso da professora de judô que também pratica outras artes marciais e também luta MMA ela cita: [...] ninguém acredita que luto MMA e todo mundo acha que sou do fitness, da educação física e nunca que eu luto. Aí as pessoas dizem assim: mas é aquele Vale Tudo que vale soco na cara? Eu respondo que sim, aí me perguntam se machuca, aí digo que sim!

Ela conta que ao chegar a Natal demorou muito a encontrar uma escola que pudesse ministrar aulas de lutas devido a ela ser uma lutadora. Quando finalmente conseguiu dar aulas em uma escola falou que não tinha sequer uma única aluna que fosse. Todos eram meninos e com o tempo ela ficou dando aulas a apenas 5 alunos pois seus pais não confiavam que ela sabia ministrar boas aulas de judô pelo fato de ela ser mulher.

Ana Maria nasceu em 1978, em uma pequena cidade no interior da Bahia que possuía muitos espaços livres para a prática de lazer. Quando questionada sobre as brincadeiras na infância relata que [...] gostava muito de brincadeira de rua, como eu nasci no interior, a minha cidade é pequena, a gente brincava de esconde-esconde, valendo no centro da cidade inteira, então era muita gente brincando, sempre brinquei muito de subir em árvore, (de brincar) de guerra, e as brincadeiras sempre eram de quem derruba, de quem bate mais forte, gostava de medir força, queda de braço.

Podemos perceber, a partir do relato de Ana, que as brincadeiras mais praticadas na infância são aquelas que necessitam de maior agressividade. Ana até admite ter tido contato com as brincadeiras de meninas: “Tinha meu universo da Barbie também, tinha muita boneca [...] mas eu sempre fui hiperativa”. Ana, ao se reportar a memória dos jogos e brincadeiras praticadas na infância, cita apenas as atividades de tradição masculina, em especial, aquelas que utilizam da agressividade, de violência. Entretanto, não podemos afirmar que ela não realizava atividades “de menina”.

Danielle e Walquiria possuíram o mesmo comportamento na infância gostavam de subir em árvores, correr e brincavam mais com meninos do que com meninas. Patricia relata que com ela foi diferente, ela sempre esteve junto das meninas, gostava de brincar de bonecas e inclusive sua avó fez uma pequena calça de capoeira para que ela vestisse uma de suas bonecas. Mennesson (2000), em

pesquisas com lutadoras, identificou que, na infância e adolescência, apontam possuir comportamentos diferentes em relação a outras meninas. Gostavam de competição, eram “bagunceiras”, se vestiam de forma semelhante aos garotos e preferiam a companhia deles, além de possuírem uma coordenação considerada incomum para garotas. Contudo, não podemos deixar de lembrar que a narrativa, desde o presente, modifica a memória, seleciona fragmentos do passado para afirmar uma identidade no presente, a partir do motivo banal de que certas características desejam ser reforçadas. Claramente, afirmar a originalidade do ser, desde a infância, é uma ótima forma de justificar e entender o próprio presente.

O primeiro contato de Ana com as lutas foi através da observação dos treinos de Jiu-jitsu que aconteciam na academia onde praticava musculação. Devido ao constante contato com os lutadores, foi aos poucos sendo convidada a praticar Jiu-Jitsu.

A academia que eu ia malhar tinha Jiu-jitsu e no horário em que malhava eu ficava vendo o professor, que era do meu tamanho, pegar os caras grandes. Eu ficava chocada, se esse cara faz isso aí eu faço também porque ele é do meu tamanho, pegava os caras grandões e dava um nó [...] Ele me convidava e eu não tinha quimono, aí eu juntei dinheiro comprei um quimono e foi amor à primeira vista Ana, em sua primeira aula de jiu-jitsu, descreve uma espécie de ritual de iniciação, de seleção e confirmação, no grupo de lutadores.

No primeiro dia de aula eu estava mexendo em uma luva e ele (o treinador) falou: Bota essa luva aí e sai na porrada com aquele menino ali. Claro que eu não sabia fazer nada, aí o cara ainda ficou me tirando, essa coisa de homem, aí eu fiquei nervosa. Eu peguei a perna dele, não sabia derrubar, não sabia nada do que era isso, só que eu fiquei com raiva dele, ele tá me fazendo de palhaça. Eu voei na perna dele, o coloquei para baixo e comecei a bater na cara dele, no instinto, aí o professor começou a rir, aí ele perguntou o que você faz? Eu falei que fazia bio-medicina, aí ele falou: “Esquece essa porra, você é lutadora”. Três meses depois, já estava competindo e não parei mais, me encantei.

Ana, ao ser submetida a esta espécie de ritual de agressividade, conseguiu mostrar um potencial de atleta, mesmo sem o domínio das técnicas da luta. Ana relata que, após sua entrada no Jiu-Jitsu, começou a se familiarizar, de tal forma que a rotina de lutas, treinos e competições foi se tornando sua principal atividade, assim ela conheceu também o judô.

A persistência de Ana em se tornar uma lutadora de MMA, em alguns momentos, tomou contornos extremos. Ana relata que “No início da minha carreira eu fiquei grávida, quando eu estava no auge, então, todos acharam que eu ia parar com as lutas por causa da minha filha, mas não sou obrigada a parar de lutar porque minha filha está nascendo.”

Porém, não deixou de treinar até os 5 meses de sua gravidez, mesmo com todas suas limitações. Ana relata que, com a gravidez, sua família achou que ia parar de lutar.

Mourão (2002) aponta que as atletas, por vezes, ficam impedidas de realizar viagens atléticas, ou mesmo de dedicar-se em treinamentos de longa temporada. A autora aponta que tudo o que afasta a mulher do mundo da casa é algo que merece uma batalha. Entretanto, é possível perceber novas configurações nas relações de gênero. Adelman (2003), pesquisando amazonas profissionais, referenciou, que em alguns casos, os maridos vão às competições e ficam em casa cuidando dos filhos enquanto as esposas treinam.

Danielle, conheceu a capoeira na escola que estudava e ficava sempre observando, gostava das músicas e um dia o professor a convidou para entrar na roda e ela foi mesmo sem saber de nada. Encantou-se e apesar de toda resistência em casa hoje é mestranda de capoeira e dá aulas a muitas crianças e diz ser sua maior paixão.

Walquiria conheceu a capoeira por meio de um amigo que treinava. [...] a gente estava na praia quando de repente ele deu um mortal pra frente e já deu outro salto atrás do outro e de repente eu também queria fazer aquilo. Na próxima aula dele eu também estava lá, não só me apaixonei como viciiei e estou viciada até hoje, não perco um só treino.

Ana declara que a aceitação da família e dos amigos foi um complicador para sua permanência como atleta profissional, pois “Não existia uma tradição familiar de lutadoras, [...] eu não tenho o histórico de atleta, muito menos de luta na minha família, minhas irmãs são duas Ladys”. Na sua cidade, o fato de se abdicar de algumas coisas do cotidiano, consideradas normais para as mulheres do seu meio social, despertavam certo estranhamento nas pessoas, “ninguém gostava que eu lutasse pai, mãe, irmãs, ninguém, minhas amigas, porque eu bebia e parei de beber, porque quando eu chegava no interior, a gente encontrava as amigas e sentava em um bar para bebe; quando comecei a treinar deixei de fazer várias coisas que eu

fazia minha vida inteira. ” A rotina de treinos impôs um novo estilo de vida, diminuiu sua sociabilidade com amigos, principalmente, a vida noturna. Ana relata que, mesmo nos dias de hoje, sua família não gosta que ela lute, mas aceitam por ver que está dando certo, mesmo sem o retorno financeiro esperado.

A professora de capoeira Danielle disse inclusive, que a sua mãe rasgou sua calça de capoeira que estava estendida no varal. Mas, ela continuou a treinar e não satisfeita sua mãe foi até a escola que ela estudou para dizer pessoalmente ao professor que não permitiria que sua filha treinasse. Ela por sua vez não desistiu e continuou a treinar, só que desta vez em outro lugar. Tinha o peso acima do que deveria e ao perceber que estava perdendo peso, aumentando sua capacidade cardiorrespiratória e sua resistência física tentou mostrar tudo isso para sua mãe que aceitou 3 anos seguintes. Hoje, ela afirma que as alunas da escola onde ministra as aulas de capoeira não precisaram enfrentar tanta resistência dos pais pois ao verem que a professora é uma mulher se sentem mais à vontade com a entrada de seus filhos no esporte.

A professora Walquiria e a professora Patrícia não passaram por toda essa dificuldade, mas seus pais iam assistir a maior parte dos treinos e a princípio os pais da professora Patrícia não queriam que ela tivesse contato físico com os meninos e estava sempre presente na sala para que isso fosse respeitado. A medida que o tempo foi passando seu pai foi gostando cada vez mais das mudanças que estavam acontecendo no comportamento de sua filha, pois as artes marciais tem esse poder de disciplinar e acabou entrando no esporte também e luta até hoje.

Ana relata que, desde suas primeiras aulas de jiu-jitsu, não aceitava ser “aliviada” pelos parceiros de treinos por ser mulher: “[...] a minha primeira aula foi muito engraçada, porque já não era uma menina ‘não me toque’. Eu não aceitava que me aliviassem”. Ana considerava-se totalmente capaz e não queria que houvesse tratamento desigual pelo fato de ser mulher. “Mas eu queria fazer igual ao jeito do que todo mundo estava fazendo, eu nunca aceitei que me tratassem assim de forma diferente no treino”. Pois, segundo Ana, este fato não atrapalha seu desempenho nos treinos, porque no jiu-jitsu e no judô, a força não é um fator prioritário, mas a técnica bem executada.

As professoras de capoeira foram unânimes ao afirmar que durante o treino não gostam que ninguém alivie com elas e apesar disso, são muito femininas, vaidosas inclusive possuem calças de capoeira rosa, além do que mandaram

confeccionar tiaras e camisas baby looks para se sentirem mais femininas nas rodas de capoeira. As 3 são do mesmo grupo de capoeira e relatam que estão batalhando pelo espaço delas e que não acabou, mas tem percebido que o preconceito apesar de ainda um pouco acentuado tem diminuído a medida que o tempo tem passado e acreditam que esse tabu só tende a ser quebrado pois os benefícios que essas artes tem para o corpo e mente superam qualquer tipo de tabus e esperam que com seus projetos tudo isso melhore.

Ferretti e Knijnik (2007) investigaram um grupo de lutadoras universitárias que se apropriaram da luta como uma forma de atividade física para cuidar do corpo. O grupo se afirma como treinadoras e não lutadoras à medida que lutam de forma suave. As informantes assumiram que esporte não tem sexo, acionam este discurso como uma forma de se proteger contra denúncias de sua sexualidade, ao mesmo tempo em que disparam críticas contra os preconceitos e estereótipos.

Ana afirma que a masculinização do corpo é inevitável, pois a carga de treino é muito intensa. Entretanto, apesar de sua aparência musculosa, faz questão de afirmar que mantém características femininas, procurando sempre manter sua vaidade e beleza, fazendo unhas e cabelo antes das lutas profissionais. Segundo Ana: “Eu não quero ser homem, quero ser uma mulher lutando. Eu explico isso muito para elas, deixa esse cabelo crescer menina, pelo amor de Deus, vamos fazer essa unha, vai lutar bonita”. Este discurso de Ana sobre a vaidade pode ser encontrado em outras pesquisas (FERRETI; KNIJNIK, 2007).

Adelman (2003). A reivindicação e argumentação a favor da vaidade do corpo atuam como uma espécie de argumento para combater o estereótipo de que alguns esportes masculinizam e podem influenciar as gestualidades das mulheres. Essas mulheres, ao afirmarem a necessidade de cuidar da beleza, pretendem, de certa forma, fortalecer e preservar a sua feminilidade no espaço esportivo que, tradicionalmente, possui identificação com a masculinidade. Portanto, o discurso da manutenção da vaidade é um argumento que procura mediar as identificações masculinas com os esportes de confronto. Essa é uma forma de mostrar que a mulher pode transitar neste espaço sem “deixar de ser mulher.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se a través desta pesquisa que a mulher veio para ficar no esporte,

tem crescido cada vez mais o número de mulheres treinando artes marciais e cada uma delas tem executado seus papéis de maneira firme e mostrando as pessoas que tem aversão a mulher nesse mundo de lutas que esse tabu não deveria mais existir. Nas escolas estão sendo feitos projetos onde não especificam diretamente que as mulheres devem participar das lutas, mas mostram os benefícios das artes marciais para seus atletas e os pais dos atletas. A partir do conhecimento destes benefícios fica mais propício a inserção das meninas nesses esportes. A tendência é que essa “generificação” sobre o que deve ser executado por meninos e o que deve ser executado por meninas acabe e cada um treine o que lhe encaixe e lhe traga melhorias para suas vidas.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, jul./dez., 2003.

CHAN-VIANNA, A. J; MOURA, D. L. Gênero e educação física escolar: uma análise das evidências empírica sobre discriminação e sexismo. In: **XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007.

DUNNING, E. O desporto como área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.) **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERRETTI, M. A. C; KNIJNIK, J. D. Mulheres podem praticar lutas?: um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Revista movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2007.

LOVISOLO, H; SOARES, A. J. ; BARTOLO, T. L. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas. **Revista Movimento**: Porto Alegre, v. 12, n. 3, p.165-191, 2006.

ARTIGO 4

BENEFÍCIOS DO JUDÔ NA EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA REGULAMENTAÇÃO

Pablo Rennan Miranda de Araújo¹

José Mapurunga Neto²

RESUMO

Nos tempos modernos presenciamos cada vez mais o judô como destaque nas principais competições, e com isso, a maior procura sobre a modalidade. A partir dessa observação, buscamos apontar as relações existentes entre a Educação Física e o Judô e o impacto sobre os profissionais envolvidos na modalidade. Temos o interesse em saber sobre o entendimento dos docentes à modalidade, se houve vivência do professor durante sua vida e/ou graduação, se este conteúdo é importante para os professores, nas aulas de educação física e se é importante a vivência do conteúdo para o ensino da modalidade no ambiente escolar. Com este objetivo, fizemos uma pesquisa de caráter descritiva, para promover estudo, análise, registro e interpretação dos dados, a partir dos questionários respondidos pelos professores de educação física, de escolas públicas e privadas, do município de Natal. A partir dos resultados, concluímos que 40% dos profissionais veem o judô como uma arte marcial que auxilia de forma direta na disciplina e respeito. Já em relação à vivência durante a graduação, 78% dos entrevistados tiveram na graduação e 55% antes desta. Já 89% dos docentes acham a vivência na modalidade importante para o ensino nas aulas de educação física. Portanto, o judô é de grande importância no aspecto motor e social no conteúdo das lutas, e principalmente para os alunos, desta forma vemos que, a maioria destes profissionais precisa buscar um entendimento maior sobre o judô, devido a grande incidência de dúvida no momento de ensino do conteúdo, entretanto não pode-se utilizar dessas problemáticas para não incluir o tema no conteúdo a ser ministrado em sala de aula.

Palavras-chave: Judô. Vivência. Educação Física.

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). E-mail: pablo_judoramos@hotmail.com

² Orientador Professor do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN).

BENEFITS OF JUDO IN PHYSICAL EDUCATION AND REGULATION

ABSTRACT

In modern times increasingly witnessed judo as featured in major competitions, and with it, increased demand on the mode. From this observation, we seek to point out the relationship between the Physical Education and Judo and the impact on the professionals involved in the sport. We are interested in knowing about the understanding of teachers to the sport if there was living the teacher during his lifetime and / or graduation, if this content is important for teachers in physical education classes and it is important the experience of content for mode of teaching in the school environment. To this end, we made a descriptive character research, to promote study, analysis, recording and interpretation of data from questionnaires answered by physical education teachers in public and private schools, the city of Natal. From the results, we conclude that 40% of professionals see judo as a martial art that helps directly in the discipline and respect. In relation to the experience during the graduation, 78% of respondents had at graduation and 55% before this. Already 89% of teachers think the experience in important modality for teaching in physical education classes. Therefore, judo is of great importance in motor and social aspect of the content of the struggles, especially for students in this way we see that most of these professionals must seek a greater understanding of judo, due to high incidence of doubt at the moment teaching content, however you cannot use these problematic not to include the subject content to be taught in the classroom.

Keywords: Judo. Experience. Education Physics.

1 INTRODUÇÃO

Pelo fato do crescimento dos esportes de luta perante a sociedade e sua vinculação na mídia cada vez mais crescente, o judô, muitas vezes, é associado como uma arte marcial onde o produto final é sempre o alto rendimento, comparando muitas vezes com o MMA, acarretando pensamentos ou comentários preconceituosos a estas práticas que ao contrário sempre pregam a disciplina, respeito e a preservação da integridade física do adversário, claro, dependendo do

tipo de contato que cada modalidade promove. Mas as artes macias, tal como judô, são praticas cada vez mais procuradas e valorizadas em todo mundo, garantindo desta forma sua idoneidade como fomentador da disciplina e prática saudável.

O judô é uma atividade física bastante rica em ações motoras e práticas educacionais, pensando nessa perspectiva, significamos a utilização desta arte marcial como importante conteúdo a ser abordado no contexto escolar, visando à vivência dos alunos nessa prática, mas de tal forma que venha a contribuir em todos os seus aspectos de desenvolvimento, seja, cognitivo, afetivo e psicomotor, além de promover e desmistificar a intencionalidade dos esportes de luta como práticas esportivas saudáveis e seguras para o desenvolvimento do indivíduo.

Diante dessa perspectiva, a modalidade mostra sua importância como conteúdo da Educação Física Escolar, visando a envolver os alunos, de tal forma que, venha a contribuir em todos os seus aspectos de desenvolvimento, com fortes componentes educacionais baseados na disciplina e conversando sobre a violência, ajudando os mesmos a se posicionarem de forma reflexiva, visando à formação de cidadãos críticos e dotados de atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade.

Mesmo com todos os benefícios motores e morais implícitos, os esportes de lutas, especificamente o judô, é pouco explorado pelos professores de educação física, muitas vezes, os mesmo não se sentem seguros devido à falta de vivencia no esporte, a formação acadêmica não foi relevante a ponte de vivenciarem tais experiências ou mesmo, por não acharem necessários explorarem este conteúdo em suas aulas.

Porém existem profissionais com estas vivências, com graduação no esporte que oferece aulas da modalidade sem ter a graduação para licenciar em educação física. Assim, podendo causar consequências negativas no processo educacional motora e moral, como nos casos onde ocorre o processo da especialização precoce. Em não havendo uma formação adequada, pessoas que gostam de ensinar a modalidade podem usar metodologias tecnicistas, visando apenas alto rendimento, negligenciando momentos de integração social e a ludicidade.

Ramos e Neves (2008, p. 1) indicam que “a Iniciação esportiva é o período em que a criança começa a aprender de forma específica e planejada a prática esportiva.” Essa iniciação, de acordo com Capitania (2003) citado por Ramos e Neves (2008), possui duas faces: a primeira é sua utilização como etapa inicial na

formação de atletas; a segunda é a iniciação esportiva como etapa elementar na aprendizagem dos esportes com finalidade educativa, recreativa ou de uso cotidiano. No primeiro caso o objetivo é o desempenho através das habilidades específicas esportivas, já no segundo, a amplitude de possibilidades de estímulos objetiva o “desenvolvimento motor, aprendizagem motora, desenvolvimento cognitivo e afetivo-social”.

Em virtude aos fatos mencionados, chegamos a uma necessidade de regulamentar a profissão de educação física e trazer segurança aos já graduados, para que assim o esporte seja ensinado de forma correta no âmbito educacional, trazendo a organização didática da aula ou do treino, obedecendo às estruturas convencionais de uma aula de educação física considerada ideal para o modelo educacional.

A partir dos conceitos acima, visamos um estudo ao qual pretendemos mostrar os benefícios do judô sobre o auxílio no desenvolvimento integral da criança, a disciplina por exigência/cobrança da modalidade de seguir a sua filosofia e o respeito/educação com os adversários, o condicionamento físico para demais atividades e saúde própria, além da segurança e confiança do professor para trazer este conteúdo em sala de aula, tendo como objetivo apontar as relações existentes entre a Educação Física e o Judô e o impacto sobre os profissionais envolvidos na modalidade.

Pois, com a prática, as crianças aprendem a discernir os seus defeitos e as suas qualidades, aprendem a conhecer a si próprio, e acima de tudo, incorporam a disciplina, passam a estimar os companheiros, a progredir com eles, encontrar um escape para sua energia e a sua agressividade e trabalham o condicionamento físico para demais atividades e saúde própria.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 JUDÔ E SEU AMPARO PEDAGÓGICO

É indiscutível que o judô não seja um conteúdo importante a ser ministrado nas aulas de educação física, apesar da pequena presença em sala de aula. Pelo conteúdo se tratar de uma grande importância filosófica e motora, faremos uma abordagem sobre sua história e seus benefícios na construção das habilidades

motoras.

Para Shiozawa (1999):

O Judô é uma arte marcial com raízes nipônicas, criada em 1882 pelo professor Jigoro Kano. Homem de baixa estatura, franzino e pouco avantajado fisicamente, começou a praticar o ju-jitsu aos 18 anos pelo propósito de não ser dominado por sua fraqueza física. Desenvolveu um estilo de luta a partir do Ju-Jitsu, eliminando os golpes mais lesivos como socos e pontapés.

“Graduado em filosofia pela Universidade Imperial de Tóquio, observou que suas técnicas poderiam ter valor educativo na preparação dos jovens, oferecendo a eles a oportunidade de aprimoramento do seu autodomínio para superar a própria limitação” (VIRGÍLIO, 2000). Jigoro Kano tentava dar maior expressão à lenda de origem do estilo Yoshin-Ryu (Escola do Coração de Salgueiro), esta se baseava no princípio de “ceder para vencer”, utilizando a não resistência para controlar, desequilibrar e vencer o adversário com o mínimo de esforço.

A palavra judô é de origem japonesa que significa “caminho suave”. Esse estilo de luta foi desenvolvido pelo mestre Jigoro Kano em fevereiro de 1882, Com apenas 22 anos de idade, ele fundou sua primeira escola de judô no templo de Eishoji Inarithono, situada no bairro de Shimoya em Tóquio. Essa escola foi inaugurada e recebeu a denominação Kodokan, que significa Instituto do Caminho da Fraternidade. O “Ko” significa fraternidade e irmandade; “Do” significa caminho; e “Kan”, instituto (KANO, 2009).

A partir de seu contexto histórico e motor, foi questionado um pensamento em incluir o conteúdo judô nas escolas brasileiras, onde a melhor forma seria adotar uma perspectiva que não priorize apenas o “saber fazer”, mas sim, uma concepção na qual teoria e prática é encaminhada em harmonia.

Devido às características do esporte, de integração física e social, o judô foi eleito no ano de 2013, pelo comitê olímpico internacional (COI), o esporte mais completo, por promover valores de amizade, participação, respeito mútuo e esforço para melhorar. Já a Organização das Nações Unidas (ONU), destaca o judô como um esporte que possibilita o relacionamento saudável com outras pessoas, utilizando o jogo e a luta com um integrador dinâmico. Além disso, foi exposto que a UNESCO considera o Judô, como “o melhor esporte de formação inicial para crianças e jovens de quatro a vinte e um anos, onde promovem uma educação física

integral”.

O Mestre Jigoro Kano com seus princípios da formação educacional dos alunos demonstrou que com um trato pedagógico bem assimilado, pode dar até mesmo a uma luta, o caráter educativo, com finalidades e objetivos pertinentes ao processo de formação (QUEIROZ et al.,)

Portanto, o judô é um importante recurso pedagógico para a educação física, por apresentar em sua constituição além dos quesitos técnicos e desportivos, conceitos morais, éticos, filosóficos, de solidariedade, superação, disciplina e respeito, tudo isso através de suas particularidades especiais.

2.2 O JUDÔ E AS REALIDADES PEDAGÓGICAS

O judô vem passando por alguns problemas no que diz respeito ao ensino-vivência-aprendizagem do conteúdo, por diversos fatores, e um deles pode ser a forma precária que os professores de Educação Física utilizam esse conteúdo.

A aplicação do conteúdo recai pela ligação errônea com as questões da violência e o despreparo dos professores dessa área, além da falta de conhecimento e segurança da arte marcial, onde os professores dão preferência aos outros conteúdos tradicionais (basquete, vôlei, futebol).

Para Silva (2010), o Judô perpassa por diversas dificuldades e uma delas é a falta de interesse dos professores de Educação Física pelo o ensino das lutas na escola.

Silva (2010), por sua vez, aponta outro fator que dificulta o ensino do Judô na escola: o receio de incitar a violência nos alunos. Contudo, Queiroz, Gomes e Santos (2003) afirmam que:

Estas aulas são uma excelente oportunidade para que o professor estimule as crianças a refletirem sobre o relacionamento e a preocupação com o próximo, bem como a valorização dos aspectos afetivos e as experiências individuais que serão levados com os alunos por toda sua vida.

Barros (2000, p. 108) coloca que é “[...] responsabilidade das escolas e faculdades preparar profissionais competentes que tenham uma sólida formação superior, com perfis que atendam as exigências do mercado de trabalho [...]”. No entanto, essa formação oferecida pelas Instituições de Ensino Superior, talvez, não

atenda de forma suficiente as necessidades do mercado de trabalho e da sociedade, pois estes não se sentem capacitados para ministrarem este conteúdo em sala de aula somente com o aprendizado advindo da graduação.

Para Santos (2012):

Há uma primeira e forte razão para tal [...] Embora os cursos de licenciatura em educação física costumeiramente incluam algumas modalidades de luta em seus currículos, falta-lhes, na maior parte dos casos, uma proposição teórico-metodológica mais articulada e coerente com os propósitos educativo-escolares.

Assim, a Educação Física no seu processo de regulamentação criou esta distinção no seu corpo social – os de dentro e os de fora – e a solução mais viável para a resolução de parte dos problemas seria a busca de conhecimento pedagógico pelos professores-técnicos e vivência para os educadores que não sentem segurança no conteúdo.

Segundo Santos (2012):

Em contrapartida, os especialistas em lutas, profissionais que ganham seu pão diariamente ensinando lutas a crianças, jovens e adultos, orientando treinos e competições, no âmbito de organizações próprias (academia, federações esportivas etc), são relativamente impermeáveis ao debate pedagógico sob o viés da educação física, que se dá em especial no campo acadêmico. Mas isso não invalida suas práticas e seus conhecimentos. É preciso criar canais de comunicação entre esses universos que parecem talvez ilusoriamente, tão distantes.

Nesse sentido, a Educação Física vem organizando um conjunto de conhecimentos para o exercício da profissão, e de acordo com (BOURDIEU, 1983 apud SOUZA NETO, 2004) “apenas a prática efetiva de determinadas atividades, habilidades ou performances, não foram suficientes para a constituição do ‘campo’ apesar de serem necessárias e importantes”.

Santos (2012) comenta que:

No Brasil, a inexistência de pesquisas e estudos aprofundados na área de esportes de combate levou a escola a abandonar seu ensino, legando-o a “professores” não habilitados pedagogicamente e pouco qualificados no processo educativo. As lutas sempre ficaram à margem da educação física, até o momento em que os parâmetros curriculares nacionais (PCN's) resgataram sua importância no contexto pedagógico e os professores de educação física começaram a perceber a riqueza de seus conteúdos para complementar a educação dos seus alunos. Porém faltava uma referência de consulta sobre como trabalhar adequadamente esse conteúdo no universo escolar.

Entretanto, Nascimento e Almeida (2007, p. 100), em uma de suas pesquisas, advertem que: “[...] não há necessidade de termos uma especialização em uma modalidade de lutas, desde que nosso objetivo não esteja pautado na formação de atletas/lutadores, mas na produção de conhecimento nas aulas de Educação Física”.

Em suma, vemos que a modalidade convive com duas realidades distintas no que se diz educar/treinar alunos, na mesma faixa etária. A partir disso, temos a necessidade em saber as principais preocupações e a falta de domínio nos professores de educação física, neste conteúdo.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Essa pesquisa caracteriza-se como descritiva, promovendo estudo, análise, registro e interpretação dos fatos, uma vez que tem a finalidade de identificar as necessidades pedagógicas dos professores de educação física em suas aulas, na modalidade judô. De forma a proporcionar subsídios para responder aos objetivos desse estudo, teremos a análise qualitativa dos dados coletados advindos de perguntas de um questionário, feitos para os professores de Educação Física do município de Natal.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população alvo deste estudo foi de nove professores de Educação Física do município de Natal, de escolas públicas e privadas.

3.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados acontecerá por meio da aplicação de um questionário para os professores de educação física, que exercem a profissão em escolas públicas e privadas no município de Natal, onde o questionário será um instrumento de coleta de informação, composto por um número de nove questões abertas e fechadas, para obter uma avaliação das dificuldades e necessidades dos profissionais com o conteúdo do judô.

3.4 ANÁLISES DE DADOS

Aconteceu através das respostas dadas aos questionários. Foi aplicado um questionário, onde se avaliou as necessidades e dificuldades que os professores têm ao ministrar as aulas do conteúdo judô. Os dados foram analisados de forma qualitativa.

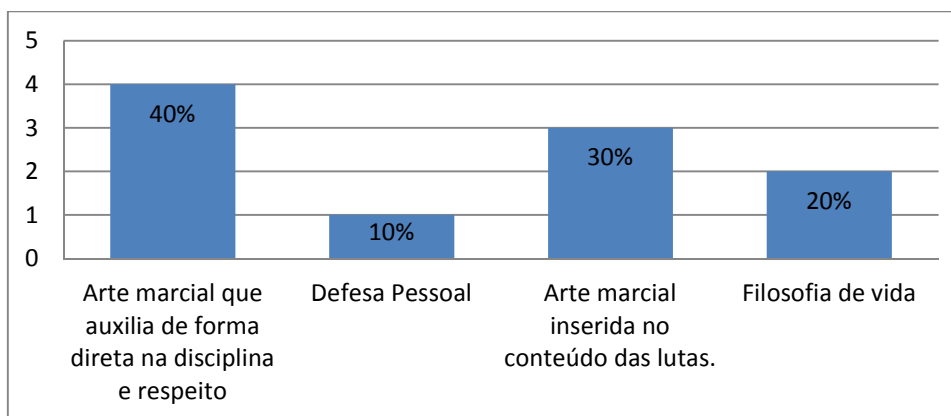
As perguntas do questionário foram: 1) O que é judô para você?; 2) Você teve alguma experiência com o Judô durante sua vida?; Qual graduação?; 3) Você teve vivência da modalidade judô durante sua graduação ?; 4) Se sim, achou estas aulas suficientes para ministrar o Judô na educação física? Por quê? 5) Você acha importante o Judô nas aulas de educação física?; Se a resposta for sim, por quê? 6) O que é necessário para que uma pessoa possa ensinar Judô em uma escola?; 7) Quais as dificuldades que você encontra para ministrar aulas de Judô na escola que você atua? E como você poderia adaptá-las?; 8) Você acha importante o professor de educação física ter vivência no Judô para ministrar aulas sobre essa temática ? Por quê?; 9) Faça uma relação a respeito do trinômio judô-educação-sociedade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa investigou apontar as relações existentes entre a Educação Física e o Judô e o impacto sobre os profissionais envolvidos na modalidade. Por meio das questões respondidas pelos questionários, compreendemos um pouco mais essa relação entre a modalidade e a educação física escolar, e suas problemáticas no ensino. A partir das respostas obtidas, chegamos à fase de análise de dados.

Este estudo apresenta de uma forma geral, a visão de nove professores de educação física do município de Natal, da rede pública e privada, sobre a relação entre o judô e a metodologia dos profissionais, e suas problemáticas no ensino desta.

Na questão 1, procuramos saber o que era judô para estes profissionais. No gráfico abaixo veremos o resultados obtidos.

Gráfico 1 – O que é Judô?

Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Como podemos ver quatro das dez respostas dadas (40% dos entrevistados), acham que o judô é uma “arte marcial que auxilia de forma direta na disciplina e respeito”, em seguida, vemos três respostas similares de que o judô é uma “arte marcial inserida no conteúdo das lutas” – 30% dos entrevistados -, e por último estão “filosofia de vida” e “defesa pessoal”, com 20% e 10%, respectivamente.

Para Feitosa et al. (2011):

Desde sua invenção, o judô apresentou em sua essência além da busca de aperfeiçoamento técnico da arte, finalidades de educação do corpo e da mente atrelada a princípios morais, éticos e filosóficos expressados pelo próprio Kano, que via na prática do judô uma importante ferramenta de educação para todos.

Desta forma, vemos que a maioria dos profissionais vê o judô como uma arte marcial, a qual auxilia de forma direta na melhora da disciplina e respeito, assim, tendo uma relação direta do judô com aspectos sociais.

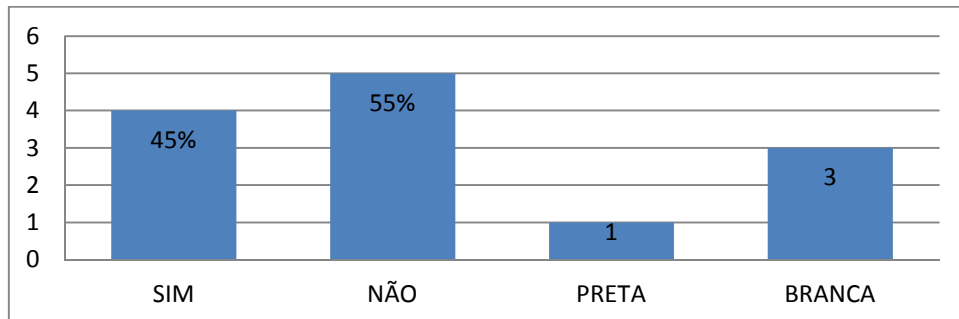
Silva (2012, p. 13) comenta que:

O oferecimento do judô no ambiente escolar normalmente é justificado valendo-se de argumentos relacionados a seus aspectos de arte marcial educativa e seus princípios filosóficos benéficos à formação moral e ética, que promove o desenvolvimento físico e intelectual dos alunos. Os ganhos relacionados à prática do judô seriam os relacionados a aspectos de conduta/disciplina, comportamento/respeito, atitudes/responsabilidade, agressividade inteligência/cognição entre outros que refletem positivamente nos indicadores de desempenho e no relacionamento no ambiente escolar.

Na questão número 2, procuramos saber se este profissional teve alguma experiência com o judô durante sua vida, e se sim, qual graduação ele teria na

modalidade. Obtivemos os seguintes resultados de acordo com o gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Experiência com o Judô



Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

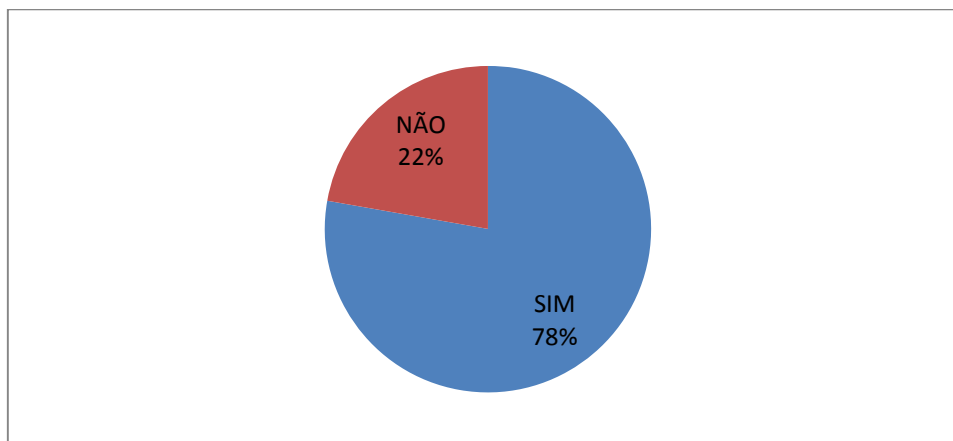
Como podemos observar 55 % dos entrevistados – cinco dos nove profissionais – disseram não terem tido nenhuma experiência com o judô durante sua vida. 45% dos profissionais – quatro – relataram ter tido alguma experiência, onde um deles era faixa preta da modalidade, e o restante obtinham a menor graduação (branca).

Para Libâneo (apud SO; BETTI, 2009):

Explicita os saberes profissionais dos professores: a) saberes específicos (conteúdos das disciplinas que ensinam); b) saberes da experiência; c) saberes pedagógicos (das ciências da educação); e d) saberes da ação pedagógica (transposição didática dos conteúdos, características da aprendizagem dos alunos etc.).

Desta forma, são de grande importância os saberes da experiência, o qual auxiliará no processo de ensino-vivência-aprendizagem.

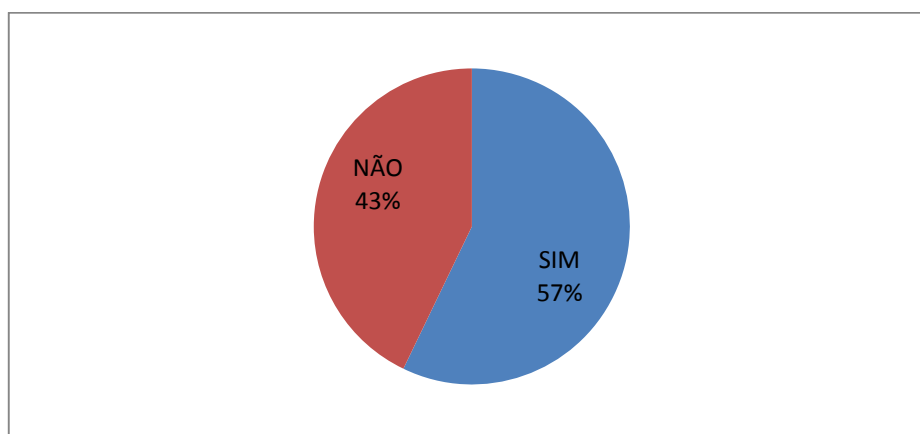
Na questão número 3, buscamos saber se os docentes tiveram vivência do Judô na graduação, e tivemos os seguintes resultados:

Gráfico 3 – Vivência durante a graduação

Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Como podemos observar sete docentes (78%), tiveram a vivência da modalidade durante a graduação, e somente 22% - dois professores - não tiveram vivência do Judô.

Na questão 4, perguntamos aos docentes que responderam sim na questão anterior, se estes acharam suficientes as aulas obtidas na graduação, para ministrar aulas de judô na educação física. Obtivemos as seguintes respostas.

Gráfico 4 – Aulas da graduação suficientes para ministrar o judô

Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Nos resultados da questão cinco - quatro dos sete docentes - 57% dos entrevistados, responderam que tiveram um aprendizado suficiente na graduação, para ministrar aulas de judô na educação física. E tiveram como justificativa, o aprendizado sobre a origem, história, os fundamentos e movimentos do judô, além